



Estilhaços do eu: A busca por uma identidade monolítica no romance vasto mar de sargaços

*Fragments of the self:
The search for a monolithic identity in the novel wide sargasso sea*

Karoline dos Santos Silva¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar os mecanismos de (des)construção de identidade da personagem Antoinette Cosway do romance Vasto Mar de Sargaços. A construção de identidade de Antoinette passa pelo processo de assimilação da cultura inglesa e exposição à cultura negra caribenha, fazendo dela um receptáculo de duas culturas distintas. A busca pela identidade começa no tenro período de infância em que Antoinette se depara com episódios de preconceito social e se estende até a vida adulta, quando se casa com seu marido, um colonizador inglês. O choque cultural que acontece após o encontro dois desencadeia em Antoinette uma crise de identidade e a busca por uma identidade monolítica e bem definida. A partir dos conceitos de identidade cunhados por Stuart Hall (2006), Thomaz Tadeu da Silva (2012) e Édouard Glissant (2006), analisaremos criticamente o romance buscando expor a trajetória de Antoinette em busca na unicidade identitária.

Palavras-chave: Identidade. Caribe. Multiculturalismo. Caribbeanness.

ABSTRACT

This article aims to approach the mechanisms of identity (de) construction of the character Antoinette Cosway from the novel Wide Sargasso Sea. Antoinette's construction of identity goes through the process of assimilation of English culture and exposure to black Caribbean culture, thus, becoming a receptacle for two distinct cultures. The search for an identity begins in the early period of childhood when Antoinette faces episodes of social prejudice and it extends into adulthood, when she marries her husband, an English colonizer. The cultural shock that happens after the encounter of them, triggers in Antoinette an identity crisis and the search for a monolithic and well-defined identity. Based on the concepts of identity coined by Stuart Hall (2006), Thomaz Tadeu da Silva (2012) and Édouard Glissant (2006), we will critically analyze the novel exposing Antoinette's trajectory in search of identity uniqueness.

Key words: Identity. Caribbean. Multiculturalism. Caribbeanness

Introdução

O presente trabalho se configura dentro do campo de crítica pós-colonial relacionada à formação da identidade e sua crise no sujeito pós-colonial. A constituição da identidade do

¹ Karoline dos Santos Silva é especialista em Literatura Brasileira pela UERJ e atualmente é Mestranda em Literatura Comparada pela UFRJ. Tem interesse na área de estudos caribenhos. <https://orcid.org/0000-0001-7641-4961>. E-mail: karolinesantos@id.uff.br. Endereço Institucional: Av. Horácio Macedo, 2151 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 21941-917



sujeito pós-colonial e a crise de identidade são temas bastante abordados dentro do campo de estudos culturais e de extrema importância para as literaturas pós-coloniais. Conforme Ashcroft *et al.*, (2002) afirmam:

A major feature of post-colonial literatures is the concern with place and displacement. It is here that the special post-colonial crisis of identity comes into being; the concern with development or recovery of an effective identifying relationship between self and place (ASHCROFT *et al.*, 2002, p. 8)².

Neste trabalho abordaremos a construção e a crise da identidade cultural da personagem Antoinette Cosway do romance *Vasto Mar de Sargaços*. A partir de teóricos do campo de estudos culturais com ênfase em identidade cultural e multiculturalismo, como Stuart Hall, Thomas Tadeu Silva e David Theo Goldberg, analisaremos como a identidade cultural de Antoinette é construída e sua crise ao longo do romance.

Trazemos nesse texto algumas noções de teóricos caribenhos do movimento denominado *creolité*, que produziram juntos o manifesto *Éloge de la creolité*. São eles: Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant. Trazemos também Édouard Glissant em *Introdução a uma poética da diversidade*, para teorizar a respeito da criação de uma identidade caribenha comum, respeitando sua complexidade incompreensível e preconizando sua aceitação.

O romance *Vasto Mar de Sargaços* é sem sombra de dúvidas um dos romances mais estudados e aclamados dentro do campo de estudos pós-coloniais e estudos feministas. No campo de estudos caribenhos se configura como obra destaque, principalmente em pesquisas conduzidas em língua portuguesa.

Dentre a vasta fortuna crítica do romance, um tema recorrente que permeia vários trabalhos é a busca por uma identidade e sua crise. Alguns pesquisadores já se debruçaram sobre o tema e dentre eles destacamos Tawfiq Yousef e Reem Abu-Samra (2017) que abordam em seu trabalho a questão da identidade e sua crise em *Vasto Mar de Sargaços* a partir de uma perspectiva sócio psicológica. Gênero e classe são devidamente explorados, no entanto, o foco do trabalho se concentra na constituição / crise de identidade se apoiando em

² “Uma característica importante das literaturas pós-coloniais é a preocupação com lugar e deslocamento. É aqui que a crise pós-colonial especial de identidade surge; a preocupação com o desenvolvimento ou a recuperação de uma relação de identificação eficaz entre eu e o lugar” (ASHCROFT *et al.*, 2002, p. 8, tradução nossa)

um referencial teórico do campo da psicologia e psiquiatria, mais precisamente os trabalhos do psiquiatra alemão Erik Erikson. Tawfiq Yousef e Reem Abu-Samra releem o romance a partir de uma ótica que leva em consideração os acontecimentos e experiências da vida de Antoinette como possíveis traumas.

Sakina El Ouardi (2013) aponta em seu trabalho a impossibilidade de criação de uma identidade para Antoinette. Diferentemente de Tawfiq Yousef e Reem Abu-Samra (2017), que argumentam sobre a questão identitária através do viés psicológico, El Ouardi se baseia majoritariamente em referências Marxistas, pós-coloniais, étnicas, raciais e feministas para explicar o que é identidade e dissertar sobre o caso específico de Antoinette. Contudo, El Ouardi conclui em seu trabalho que apesar de Jean Rhys esboçar uma identidade para Antoinette mesmo que frágil e fragmentada, devido às circunstâncias e experiências na vida de Antoinette e principalmente depois de seu casamento com Rochester, há uma destruição e apagamento de sua identidade que ocorre gradativamente ao longo do romance. El Ouardi interpreta a cena final de *Vasto Mar de Sargaços* como uma representação da liberdade da protagonista. O que ocorre é que o desfecho de *Vasto Mar de Sargaços* é aberto para várias interpretações. El Ouardi argumenta que com a morte de Antoinette ela se torna livre de todas as opressões, questionamentos e sofrimentos até mesmo aqueles relacionados à identidade.

Já Viviane Ramos de Freitas (2017) no capítulo de sua tese de doutorado intitulado “Mapeando a existência”, discorre sobre as situações sociais que contribuíram para que Antoinette tivesse um senso de identidade não totalmente afirmado. Nesse capítulo Viviane também apresenta as relações entre as ilhas caribenhas expressas no romance e constituintes no processo de criação e crise de identidade de Antoinette. Viviane por vezes utiliza o conceito de identidade em exílio ou errante de Edouard Glissant, presente em *Poética da relação*, para demarcar a situação de Antoinette. A identidade em exílio se configura através das relações de raça, gênero, nacionalidade e classe relacionados a Antoinette que sofre.

O caráter diferencial do presente trabalho se sustenta pelo fato de utilizarmos um referencial teórico específico de ilhas caribenhas para tratar da questão de pertencimento cultural, o fato de que nossa análise do romance difere em alguns pontos dos trabalhos já



vistos sobre o tema identidade em *Vasto Mar de Sargaços* e a escolha de estudar a questão da identidade a partir da perspectiva dos estudos culturais.

1. A Identidade cultural e a crise de identidade

A identidade que estamos fazendo referência no presente trabalho se trata de uma identidade cultural promovida a partir da troca de experiências e constituída através do dialogismo, exposição e assimilação cultural. Eurídice Figueiredo (2012) conceitua a identidade cultural da seguinte forma

Fala-se em identidade cultural quando se quer referir a grupos que não se apoiam em um Estado-Nação, mas que reivindicam a pertença a uma cultura comum. Nesse caso, não se mobiliza a referência geográfica, e a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião (FIGUEIREDO *et al.*, 2012, p. 199).

A formação da identidade cultural de Antoinette se constitui de diversas influências, seja elas europeias, caribenhas ou africanas. Em seu famoso livro, um clássico dos estudos culturais, Stuart Hall (2006) levanta vários questionamentos sobre a identidade cultural na modernidade tardia e a instauração de uma crise de identidade. Hall também argumenta a favor da concepção de uma identidade fragmentada e deslocada. É isso que nos interessa, pois é essa fragmentação que caracterizará o sujeito pós-moderno. Hall (2006, p.13) afirma que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. A partir desses conceitos de identidade à luz das teorias culturais, analisaremos a constituição da identidade cultural de Antoinette, passando por momentos que moldaram o seu eu e que a levaram até o momento de instauração de uma crise identitária.

2. O Vasto Mar de Sargaços

O romance *Vasto Mar de Sargaços* (1966) da autora Jean Rhys é uma narrativa que reconta a história da personagem Antoinette Cosway, mais conhecida como Bertha Mason ou “a louca do sótão” no romance inglês *Jane Eyre* (1847). Rhys dá oportunidade a Bertha

Mason, personagem silenciada em *Jane Eyre*, de falar e relatar seu passado através da sua perspectiva. Em *Jane Eyre*, Bertha é vista como um ser animalizado, incapaz de produzir discurso, e negligenciada por Rochester, seu marido.

Em *Vasto Mar de Sargaços*, temos o prazer de conhecer a história através do ponto de vista de uma mulher caribenha que foi silenciada. O livro é uma pré-sequência do romance *Jane Eyre* e funciona como um direito de resposta para Bertha, que foi impedida de narrar sua própria história. O livro é dividido em três partes: a primeira parte são memórias da infância e adolescência de Antoinette, a lembrança da fazenda Coulibri onde morava com a mãe, o irmão mais novo, o padrasto e alguns negros pertencentes à família; a infância selvagem ao lado de Tia, sua melhor amiga que é uma menina negra e o carinho de Christophine, uma negra da Martinica, que trabalha para a família. Na segunda parte a narração é alternada entre Antoinette e um homem não identificado, sem patronímico, mas os leitores do romance *Jane Eyre* sabem que se trata de Edward Rochester, marido de Bertha Mason. Na terceira parte é Antoinette quem narra já despersonalizada e desterritorializada. Antoinette retoma a narração para descrever sua experiência de confinamento em Thornfield Hall e planejar a queimada da mansão e sua morte.

Vasto Mar de Sargaços é narrado em primeira pessoa e podemos perceber na obra os dois lados da moeda: o ponto de vista do homem europeu que vai morar na colônia e tem em seu imaginário um estereótipo da mulher caribenha e sua cultura, a qual ele julga inferior, e a percepção sensível de Antoinette que agora pode se defender das acusações injustas que foram proferidas contra ela em *Jane Eyre*.

3. Antoinette Cosway: O entre-lugar da mulher branca caribenha

Antoinette é uma mulher caribenha, branca, crioula³, filha de um latifundiário decadente de Spanish Town, Jamaica. A infância de Antoinette é marcada por episódios de negligência, falta do carinho materno, tentativa falha de identificação com os negros, o grupo

³ Crioula: o termo, nas Antilhas, se aplica a todos os brancos nascidos no país durante o século XVIII. Futuramente passará a englobar o fruto da mestiçagem e hibridismo cultural de acordo com Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant no manifesto *L' éloge de la creolité*.



étnico a que ela é aficionada e transposição da figura materna para a negra Christophine. O contexto histórico em que *Vasto Mar de Sargaços* está situado é nos anos após o Ato de Emancipação de 1833 nas *British West Indies*, em que a Inglaterra acaba com a escravidão nas ilhas.

Antoinette é filha do senhor Cosway, dono de escravos, que após o Ato de emancipação se vê totalmente falido em propriedades. Anette, a mãe de Antoinette, é uma crioula branca da Martinica que se muda para Spanish Town para se casar com o senhor Cosway. A infância de Antoniette é marcada pelo desprezo e escárnio dos escravos que tratavam sua família como “negros brancos”. Em *Vasto mar de Sargaços*, aprendemos que existe uma formação e hierarquização da sociedade nas ilhas caribenhas:

Ela disse que não foi isso que ouvira dizer. Ouvira dizer que nós todos estávamos pobres como mendigos. Comíamos peixe salgado - não tínhamos dinheiro para peixe fresco. Que a casa estava tão cheia de goteiras que era preciso correr com uma cabaça para aparar a água quando chovia. Tinha muita gente branca na Jamaica. Gente branca de verdade, que tinha muito ouro. Eles não olhavam para nós, não chegavam perto de nós. Gente branca de antigamente não passava de negro branco agora, e negro preto era melhor que negro branco (RHYS, 2012, p. 19).

Os ingleses que vêm para a Jamaica, os chamados “brancos de verdade”, tinham dinheiro e status na ilha e os “negros brancos”, no caso, a família de Antoinette, que perdeu o prestígio social juntamente com a condição financeira, é uma classe tratada com desprezo até pelos negros ex-escravos da ilha. O que podemos subentender é que a condição de Antoinette é a seguinte: ela está inserida em uma área cinza em que não ocorre uma identificação com os negros, que desprezam e escarnecem dela, nem com os brancos ricos, que também a desprezam. É nessa área cinzenta, de não definição e exclusão que a pequena Antoinette cresce tendo ao seu redor a mãe crioula, um padrasto inglês completamente alienado sobre as dinâmicas interacionais e raciais da ilha, a negra Christophine e os poucos serviçais negros que trabalham em Coulibri por necessidade.

Dentro das dinâmicas interacionais da sociedade Jamaicana, uma das motivações para a exclusão de Antoinette e seu grupo familiar é fomentada principalmente por conta de sua situação social. Sob o signo da pobreza, Antoinette e seus familiares não são reconhecidos e frequentemente são vítimas de chacotas tanto por parte dos brancos ricos quanto dos negros libertos. Durante a infância, Antoinette permanece na miséria e apenas com o casamento de

sua mãe com o Sr. Mason, um latifundiário inglês, é possível ascender socialmente. Antoinette é criada de maneira rústica e selvagem, sempre na companhia da menina negra, Tia, sua única amiga. Tomaz Tadeu (2012) vai afirmar que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, pois não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos - nós/ eles (por exemplo, sérvios e croatas); eu/outro (SILVA, 2012, p.40).

A marcação da diferença nas dinâmicas interacionais de Antoinette com os outros personagens é um grande fator que corrobora a criação da identidade cultural de Antoinette. À princípio, ela sabe que não pertence junto aos negros nem aos brancos ricos, pois ambos a excluem. A exclusão social e cultural é essencial para que haja uma consciência de pertencimento, ou no caso de Antoinette, de não pertencimento. É a partir dessa exclusão que ela entende que seu grupo familiar não faz parte do “nós negros da ilha” e nem do “nós brancos britânicos”.

A outra motivação que fomenta a exclusão da família de Antoinette da sociedade Jamaicana é o fato de o grupo familiar se configurar um Outro perante os habitantes da ilha. A mãe de Antoinette é vista como uma estrangeira na Jamaica pelo fato de ter nascido na Martinica e sua cultura estar estreitamente relacionada à dominação francesa, enquanto a dominação colonial na Jamaica foi implantada pelos ingleses. Esses aspectos linguísticos e culturais diferentes fazem os habitantes olharem Annette e sua família como estrangeiros conforme pode-se perceber no extrato: “As damas jamaicanas jamais aceitaram a minha mãe, ‘porque ela é muito cheia de si’ Christophine dizia. Ela era a segunda mulher do meu pai, jovem demais para ele, na opinião delas, e pior ainda, uma moça da Martinica. (RHYS, 2012, p. 11)”. Esse é um fator que transforma Antoinette e sua família em um grupo outrificado dentro da sociedade Jamaicana, onde eles configuram um grupo duplamente excluído. Primeiramente por serem estrangeiros de origem Martiniquesa e configurarem um outro dentro da territorialidade Jamaicana, caso de Christophine e Annette, e por conta da origem



inglesa, que é o caso do Senhor Mason que representa a classe de homens brancos europeus colonizadores e exploradores de escravos, fortemente detestado pelos habitantes da ilha.

Logo, a família de Antoinette é composta por dois grupos distintos que convergem no mesmo tocante: são estrangeiros perante a sociedade Jamaicana. Não há espaço para que ocorra a aceitação por parte dos dois grupos. Os brancos europeus da ilha, que veem Anette como uma mulher inferior para o Sr. Mason por ela ser de origem crioula martiniquesa, e principalmente por estar falida, e pela parte dos escravos que veem no Sr. Mason um símbolo da exploração de seu povo e suas terras.

Quando Antoinette atinge a maioridade e sai do convento no qual foi posta por seu padrasto, ela toma conhecimento de que Sr. Mason arranhou-lhe um casamento com um homem inglês que virá até a Jamaica com a intenção de desposá-la. O homem sem patronímico é Edward Rochester que comenta a respeito da etnia de sua esposa e do fato dela não ser inglesa: “Olhos oblíquos, tristes, escuros e estrangeiros. Ela pode ser crioula de pura descendência inglesa, mas eles não são ingleses nem europeus. E quando foi que eu comecei a notar tudo isso a respeito da minha esposa Antoinette? (RHYS, 2012, p.63)”.

O encontro conflitante com o colonizador caracteriza o relacionamento conturbado entre Rochester e Antoinette. Se anteriormente a jovem sofria com o preconceito dentro da própria sociedade jamaicana ligado ao fato de ser considerada estrangeira, aqui se configura pelo fato de ela não ser europeia. Rochester, até esse momento, não sabe que Antoinette é filha de Anette que era uma mulher crioula da Martinica. No entanto, é visível seu desprezo por conta da origem de sua esposa. No extrato abaixo Antoinette conversa com Rochester a respeito de uma canção que as domésticas de sua casa cantam para ela. Nesse extrato fica claro a falta de posicionamento de Antoinette a respeito de si mesma, sua formação identitária e seu lugar no mundo.

Era uma canção sobre uma barata branca. Sou eu. É assim que eles chamam a todos nós que estávamos aqui antes do povo deles vendê-los para os mercadores de escravos. E eu ouvi mulheres inglesas nos chamarem de negros brancos. Então muitas vezes me perguntei quem eu sou e onde é o meu país e a que lugar eu pertencço e por que eu nasci (RHYS, 2012, p.99).

Antoinette revela suas incertezas ao marido, seu sentimento de não pertencimento e questões a respeito da territorialidade e identificação. Isso mostra que mesmo na fase adulta,

Antoinette está confusa sobre seu *self*. Questões básicas que molduram a identidade não são respondidas. A partir desse momento, do casamento e contato mais íntimo dos dois, é possível perceber que há um declínio do *self* de Antoinette.

Charles Taylor (1994) em seu famoso artigo “Politics of recognition” aponta que o reconhecimento está estreitamente relacionado à noção de identidade:

The thesis is that our identity is partly shaped by recognition or its absence, often by the misrecognition of others, and so a person or group of people can suffer real damage, real distortions, if the people or society around them mirror back to them a confining or demeaning or contemptible picture of themselves. Nonrecognition or misrecognition can inflict harm, can be a form of oppression, imprisoning someone in a false, distorted, and reduced mode of being” (TAYLOR, 1994, p. 77)⁴.

A identidade de Antoinette é formada a partir de uma falta de reconhecimento tanto por parte dos brancos quanto dos negros, ambos não a reconhecem como pertencente a nenhum dos dois grupos. Na fase adulta, Antoinette se mostra incapaz de definir seu eu, seu lugar e sua territorialidade em frente a um Outro colonizador que é Rochester. Essa falta de reconhecimento culmina em uma crise de identidade que começa na infância de Antoinette e se estende até sua morte.

O relacionamento entre Antoinette e Rochester é fortemente marcado por conflitos sociais, étnicos, linguísticos, culturais e por um relacionamento extremamente abusivo. Rochester por várias vezes tenta obrigá-la a assumir uma identidade inglesa e apagar seu passado caribenho nas ilhas, seja renomeando-a por Bertha, nome de origem germânica, ou seja, inferiorizando a cultura e práticas caribenhas até no ato de nomear. É preciso comentar que em *Jane Eyre*, o nome completo da personagem aparece como: Bertha Antoinette Mason. No caso, Rochester opta por utilizar a parte do nome que faz referência à cultura inglesa/germânica e apaga a cultura caribenha no nome “Antoinette” que remete à “Anette” que é o nome da mãe de Antoinette.

⁴ “A tese é que nossa identidade é parcialmente moldada pelo reconhecimento ou sua ausência, geralmente pelo desconhecimento de outras pessoas, e assim uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer danos reais, distorções reais, se as pessoas ou a sociedade ao seu redor se voltarem para eles uma imagem confinante ou humilhante ou desprezível de si mesmos. O não reconhecimento ou o falso reconhecimento pode causar danos, pode ser uma forma de opressão, aprisionar alguém em um modo de ser falso, distorcido e reduzido.” (TAYLOR, 1994, p.77, tradução nossa)



- Bertha – eu disse
- O meu nome não é Bertha. Você está tentando me transformar em outra pessoa, chamando-me por um outro nome. Eu sei, isso também é obeah. (RHYS, 2012, p. 145)

Numa tentativa de fazê-la esquecer de seu passado nas ilhas e até mesmo afastá-la do final trágico que teve sua mãe, Rochester renomeia Antoinete de Bertha, passando a referir-se a ela usando esse nome. Sabe-se que a mãe de Antoinette sucumbiu à loucura quando a fazenda Coulibri foi queimada pelos negros e seu filho mais novo, Pierre, uma criança especial, morreu junto com seu papagaio. Ambos significavam muito para a Annette. Desde então dizem que a loucura de Anette é hereditária e poderia haver manifestação em Antoinette.

4. **Imersa na cultura negra insular:** O multiculturalismo caribenho

A infância de Antoinette é marcada pela presença de Christophine juntamente com a cultura dos negros e suas práticas. Antoinette rememora sua infância com a presença de Christophine cantando canções em patuá ou Christophine matando galinhas para fazer suas práticas de *Obeah*⁵, às quais Antoinette recorrerá futuramente para conquistar Rochester:

Então eu passava a maior parte do tempo meu tempo na cozinha, uma construção separada, um tanto afastada da casa, Christophine dormia no quartinho ao lado. Quando caía a noite, ela cantava para mim se estivesse com vontade. Nem sempre eu conseguia entender suas canções em patuá - ela também era da Martinica- (RHYS, 2012, p.14).

Essas memórias afetivas relacionadas a Christophine fazem Antoinette manter um vínculo estreito com a cultura negra das ilhas caribenhas. Ela conhece um pouco das práticas culturais dos negros devido ao fato de ter sido imersa nessa cultura desde criança através de Christophine. A partir dessa identificação com Christophine, que ao longo da vida de Antoinette se mostrou muito mais presente e próxima do que a própria mãe da garota,

⁵ Uma religião ou culto de ancestrais africanos que tem raízes em comum com o Candomblé do Brasil, com a Santeria de Cuba e com o Vodou do Haiti.

Antoinette cria um laço de identificação com a cultura negra insular, bem como sua aproximação com Tia, a menina negra que é sua amiga desde a infância.

Ainda sobre identificação, a língua opera como elemento de identificação cultural crucial em *Vasto Mar de Sargaços*, visto que Antoinette fala o patuá francês de Christophine na Jamaica, um local de dominação inglesa. Taylor afirma que “The crucial feature of human life it is fundamentally dialogical character. We become full human agents, capable of understanding ourselves, and hence of defining our identity, through our acquisition of rich human languages of expression” (TAYLOR, 1994, p.79)⁶. O molduramento da identidade de Antoinette acontece em caráter dialógico com Christophine, pois é através do contato com ela que Antoinette passa a se identificar e visualizar a cultura negra.

Eurídice Figueiredo (1998) comenta a respeito da questão linguística, agora utilizando o cenário caribenho: “O crioulo, apesar de ser sua língua materna, língua das canções de ninar e dos contos ouvidos à noite, nas festas e velórios, é considerado como um *patois*, um dialeto que se ama e despreza ao mesmo tempo” (FIGUEIREDO, 1998, p. 20). Christophine é natural da Martinica onde ocorre a utilização do crioulo de base francesa. Além do inglês, Antoinette aprende a falar *patois* por conta de Christophine e as duas são vistas frequentemente conversando em *patois* somente na esfera doméstica. Isto demonstra que a utilização do *patois* em *Vasto Mar de Sargaços* se restringe a um certo tipo de interlocutor que é aquele que se tem mais familiaridade, e a um local específico: a esfera doméstica. O *patois* é a língua do afeto e do carinho.

Após o casamento de sua mãe com o senhor Mason, Antoinette passa a ter uma educação voltada para as práticas sociais inglesas visto que seu padrasto é inglês. No extrato abaixo podemos perceber a mudança nos hábitos alimentares. “Nós comíamos comida inglesa agora, carne de vaca e de carneiro, tortas e pudins. Eu estava contente em ser uma menina inglesa, mas sentia falta da comida de Christophine” (RHYS, 2012, p. 30). Aqui no romance, a assimilação cultural integralizadora faz o colonizado incorporar os valores culturais do

⁶ “A característica crucial da vida humana é o caráter fundamentalmente dialógico. Tornamo-nos agentes humanos completos, capazes de entender a nós mesmos e, portanto, de definir nossa identidade, através da aquisição de ricas linguagens humanas de expressão”. (TAYLOR, 1994, p.79, tradução nossa)



colonizador como uma forma de socializar e ter familiaridade com as práticas da sociedade inglesa.

A absorção da cultura do colonizador permite que Antoinette se socialize com membros da sociedade inglesa. Ela conhecendo seus hábitos e práticas sociais, facilitaria o arranjo de um casamento com um inglês.

Frantz Fanon, em *Pele negras máscaras brancas*, comenta sobre o processo de assimilação da cultura da metrópole:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva (FANON, 2008, p.34).

Essa assimilação faz o colonizado ver a cultura do colonizador como superior e ocorre o desejo de assimilá-la. Anette vê no casamento com o Sr. Mason a mobilidade de status social desejada e necessária. Antes de seu casamento com o Sr. Mason, sua família passava necessidade e estava completamente falida e arruinada. Foi com a aquisição de segundas núpcias que houve a oportunidade de ascender socialmente, principalmente pelo fato de o Sr. Mason ser inglês e ter propriedades. A mudança dos hábitos alimentares que fazem Antoinette se sentir uma menina inglesa podem ser considerados elementos da assimilação da cultura inglesa. Um outro exemplo é o juízo de valor que Antoinette criança faz da mãe e do padrasto expresso no trecho abaixo:

Então eu desviei os olhos dela e olhei para o meu quadro favorito. “A filha de Miller”, uma linda moça inglesa de olhos castanhos e olhos azuis e um vestido decotado. Depois olhei por cima da toalha branca e do vaso de flores amarelas para o Sr. Mason, tão seguro de si, tão indubitavelmente inglês. E para minha mãe, tão indubitavelmente não inglesa, mas também não negra branca (RHYS, 2012, p.31).

A característica que Antoinette põe em evidência como representante da inglesidade é a autoconfiança. Ela vê sua mãe ao lado do senhor Mason e os julga. Toda a inglesidade para o Sr. Mason que demonstra segurança em si, em contrapartida, na mãe martiniquesa, ela não consegue encontrar essa inglesidade, mas afirma que a mãe não é uma negra branca, ou seja, uma mulher decadente. Antoinette tem consciência das dinâmicas interacionais nas ilhas e

consegue perceber a diferença entre a formação da sociedade constituída por: negros escravos, “brancos negros” e “brancos de verdade”.

No episódio em que a fazenda Coulibri, residência dos Mason na Jamaica, é queimada pelos negros revoltados com a prosperidade da família depois da união com o Sr. Mason, Antoinette vê em Tia, sua amiga de infância, a rejeição e revolta dos negros para com ela e seus familiares:

Então, não muito longe, eu vi Tia e a mãe dela, e corri para ela, pois ela era tudo o que restara da minha vida como tinha sido. Nós tínhamos comido a mesma comida, dormido lado a lado, tomado banho no mesmo rio. Enquanto corria, eu pensava: Vou morar com Tia e ser igual a ela. Não deixar Coulibri. Não ir embora. Não. Quando cheguei perto, vi a pedra em sua mão, mas não a vi atirá-la. Também não a senti, só uma coisa úmida, escorrendo pelo meu rosto. Olhei para ela e vi seu rosto contorcer-se quando ela começou a chorar. Olhamos uma para a outra, sangue no meu rosto, lágrimas no dela. Era como se eu estivesse vendo a mim mesma. Como num espelho (RHYS, 2012, p.40).

Antoinette é obrigada a abandonar Coulibri ao fugir com sua família do incêndio. Coulibri é o lugar onde ela teve as melhores memórias de sua infância. A atitude de Tia representa simbolicamente a rejeição por parte da cultura caribenha negra em que Antoinette foi imersa desde criança. O ato de atirar uma pedra em Antoinette representa o repúdio dos negros para com ela. Tia e Christophine são a ponte que liga Antoinette à cultura negra, e essa ponte foi parcialmente quebrada com essa atitude de rejeição por parte de Tia.

A dinâmica de construção da identidade de Antoinette passa pela definição que David Goldberg (1994), aponta sobre um conceito de identidade comumente concebido:

Identity is generally conceived in this conceptual framework as a bond: as the affinity and affiliation that associates those so identified, that extends to them a common sense or space of unified sameness. It is a tie that holds members of the collective together. These at least are the elements that go into what might be deemed an affirmative conception of identity (...) It has been pointed out commonly that identity can be exclusionary of those who are outside its scope, those who are – or who are taken to be – in no way affiliated. You don’t belong, you don’t meet the conditions or criteria of belonging so we are going to keep you out (GOLDBERG, 1994, p.12)⁷.

⁷ “A identidade é geralmente concebida nessa estrutura conceitual como um vínculo: como a afinidade e a afiliação que associam aqueles assim identificados, que lhes estende um senso comum ou espaço de semelhança unificada. É um laço que mantém os membros do coletivo juntos. Esses pelo menos são os elementos que entram



Antoinette se encontra nessa posição excludente em que não pertence à cultura dos brancos europeus nem dos negros ex-escravos. Embora ela tenha um sentimento de pertencimento por conta do laço que a une com a cultura caribenha na esfera domiciliar, há forte rejeição por parte dos dois grupos fora de casa. Na esfera privada, através da figura de Christophine e Tia, Antoinette aprendeu a admirar a cultura caribenha negra. Enquanto na esfera pública, não há a validação nem reconhecimento dos negros sobre a afeição dela pela cultura caribenha negra. Logo, ela não faz parte desse coletivo comum. O fato de ela e sua família não manterem um vínculo com o coletivo majoritário da ilha que são os negros é um dos pontos de exclusão. Exclusão essa que é fomentada por uma estratificação social. Eurídice Figueiredo (1998) comenta sobre a divisão demográfica da sociedade no Caribe. Podemos concluir que realmente a sociedade é bem estratificada e fechada entre si. É o que podemos conferir em *Vasto Mar de Sargaços*, em que não há espaço para o entre-lugar.

Do ponto de vista demográfico, há várias classes, todas bastante fechadas entre si: os *békés*⁸, que raramente se misturam mesmo com os franceses; os mulatos, que tradicionalmente se dedicavam ao comércio, não frequentavam os negros; naturalmente os negros, que formam a maioria da população (FIGUEIREDO, 1998, p.18).

O clima de tensão após o Ato de Emancipação e o sentimento de revanchismo dos negros contra os senhores, impedem que ocorra a interação harmônica entre todos os grupos étnicos da ilha. A heterogeneidade do Caribe como zona em que convergiram várias culturas bem distintas também impede que isso aconteça. O que temos, pelo menos nesse momento, são extratos bem separados e hierarquias étnicas.

Um outro momento no romance em que é possível perceber que Antoinette é ligada às crenças caribenhas negras é quando ela vai até a cabana de Christophine e pede para que a negra a ajude a reconquistar Rochester, visto que ele a despreza por conta de sua origem e de informações sobre o passado trágico de sua família, que foram divulgadas maliciosamente

no que pode ser considerado uma concepção afirmativa de identidade (...) Tem sido apontado comumente que a identidade pode ser excludente daqueles que estão fora de seu escopo, daqueles que estão - ou que são levados ser - de forma alguma afiliados. Você não pertence, não cumpre as condições ou os critérios de pertencimento, por isso vamos mantê-lo fora.” (GOLDBERG, 1994, p.12, tradução nossa)

⁸ Békés: São os descendentes de franceses proprietários de terras e escravos.

com a intenção de separá-los, e também como um alerta sobre a possível loucura hereditária que assombra a família de Antoinette:

- Calma – disse ela. – Se o homem não ama você, eu não posso obrigá-lo a amar.
-Pode sim, eu sei que pode. É isso que eu quero e foi por isso que vim aqui. Você pode fazer as pessoas amarem ou odiarem. Ou... ou morrerem – eu disse.
Ela jogou a cabeça para trás e riu alto. (Mas ela nunca ri alto, e por que ela está rindo?)
- Então você acredita nessa história sem pé nem cabeça sobre obeah, que as pessoas falam quando estão bêbadas? Tudo isso é bobagem e maluquice. E também isso não é para *beké*. Tem confusão muito grande quando *beké* se mete com isso (RHYS, 2012, p.109).

Em uma atitude desesperada Antoinette pede que Christophine utilize *obeah* como uma forma de reconquistar seu marido. Christophine alerta que quando *bekés* estão envolvidos, há confusão. É possível perceber que essa parte da cultura caribenha negra está bastante enraizada em Antoinette a ponto de fazê-la acreditar no poder das práticas de Christophine. Pode ter sido uma atitude desesperada, mas no mínimo houve uma crença na potencialidade da magia de obeah.

Dentro do espaço multicultural que é o Caribe, a formação da identidade de Antoinette basicamente se constituiu de uma assimilação da cultura e práticas inglesas no convívio com seu padrasto juntamente com a exposição à cultura negra por parte de Christophine e Tia. O que vemos em Antoinette é a imagem um receptáculo cultural e ao mesmo tempo uma fragmentação do eu. Uma imagem estilhaçada composta de pedaços de diferentes origens que são incapazes de traduzir um eu definido.

A ambiguidade marca a existência de Antoinette juntamente com a questão do entre-lugar. A começar pelo fato de que ela é filha de mãe crioula e pai inglês, fala o inglês da Inglaterra e o patuá francês martiniquense, Antoinette não pertence junto aos negros nem aos brancos, Antoinette gosta de se sentir uma menina inglesa, mas não se esquece da deliciosa culinária caribenha de Christophine. Antoinette é a própria e complexa definição do entre-lugar.



5. Uma identidade para Antoinette

Edouard Glissant (2005) inspirado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, aplica as noções de raiz única e rizoma de Deleuze e Guattari, voltada para o princípio da identidade e para uma categorização de culturas. Glissant comenta a respeito de culturas atávicas e culturas compósitas. Ele as define da seguinte maneira: culturas atávicas são “aquelas que partem do princípio de uma filiação, com o objetivo de buscar uma legitimidade sobre uma terra que a partir desse momento se torna território” (GLISSANT, 2005, p. 72). Enquanto as culturas compósitas são culturas que praticam alguma forma de criouliização. O Caribe é naturalmente uma região multicultural onde convergiram diversas culturas seja a dos negros vindos de África, dos colonos ingleses, franceses, dos nativos que foram exterminados e dos hindus que vieram posteriormente. A identidade caribenha é por excelência uma identidade rizomática, uma identidade que se espalha na relação cultural de cada ilha que compõe o arquipélago caribenho.

Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant escrevem o *Elogio da criouliidade*, um belíssimo manifesto com a intenção de promover a criação de um movimento que expresse o aspecto multifacetado da cultura caribenha. *O Elogio da criouliidade* passa por questões linguísticas, culturais, até chegar na identidade caribenha. “Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos” (CHAMOISEAU et al., 1990, p.1). Os três autores fazem uma análise da evolução histórica da literatura antilhana que outrora foi exotizada e marcada pela perspectiva e ideias exteriores à cultura caribenha por conta da dominação colonial que impedia os caribenhos de olhar para si através de seus próprios olhos e de representar a si.

Nós nos debruçamos sobre ela [Criouliidade] ricos de todos os erros e fortes da necessidade de nos aceitar complexos. Porque o próprio princípio de nossa identidade é a complexidade. Explorar nossa criouliidade deve se efetuar em um pensamento tão complexo quanto a Criouliidade. O desejo de uma clarificação a partir de duas ou três leis da normalidade, nos fez nos considerarmos a nossos próprios olhos como seres anormais. Ora, o que parecia tara pode se revelar como a indefinição do novo, a riqueza do jamais visto (CHAMOISEAU, BERNABÉ, CONFIANT, 1990, p.7).

A proposta da aceitação da complexidade identitária nos parece ser fundamental para que Antoinette se distancie do sentimento de não pertencimento. O ato de reconhecer a si mesma e se aceitar, não desencadearia uma busca por uma identidade cultural plena, e conseqüentemente, não culminaria em seu aniquilamento. Porém, o que podemos perceber é que Antoinette deseja também a aceitação e validação exterior, seja ela vinda de seu marido inglês, de Christophine, Tia e da sociedade caribenha. Ocorre um impasse em que ela não consegue se aceitar nem ser aceita.

O conceito de *Antillanité* ou *Caribbeanness* proposto por Glissant, em *Discours Antillais* (Caribbean Discourse) pode ser entendido, a grosso modo, como uma poética da relação, a aceitação de uma identidade caribenha múltipla e heterogênea ligada a uma concepção geopolítica do espaço caribenho. Glissant afirma que

It is very often only in France that migrant French Caribbean people discover they are different, become aware of their Caribbeanness; an awareness that is all the more disturbing and unliveable, since the individual so possessed by the feeling of identity cannot, however, manage to return to his origins (GLISSANT, 1989, p. 23)⁹.

A experiência compartilhada de cada antilhano que migra para França e somente lá reconhece que é diferente, fica expressa nas palavras de Fanon (2008) quando comenta sobre sua própria experiência de migração para a França metropolitana. Foi somente lá que ele ficou ciente de que era negro e de que não era “francês” como haviam dito enquanto estava na Martinica. Em *Vasto Mar de Sargaços*, essa experiência não é deslocada da espacialidade caribenha, uma vez que ela acontece dentro da própria ilha, quando Rochester diz que Antoinette é uma crioula de ascendência inglesa e quando Antoinette cogita a possibilidade de romper o casamento, Rochester se sente ultrajado pela possibilidade de ser rejeitado por uma crioula.

É preciso levar em consideração que ao mesmo tempo que a Antilhanidade torna comum a experiência caribenha levando em consideração o tamanho de sua complexidade,

⁹ “É muito comum que apenas na França que os migrantes franceses do Caribe descobrem que são diferentes, eles se tornam cientes de sua caribeidade; uma consciência que é ainda mais perturbadora e inabitável, uma vez que o indivíduo possuído pelo sentimento de identidade não pode, contudo, controlar para retornar às suas origens” (GLISSANT, 1989, p.23) (Tradução nossa)



ocorre a coexistência de segregação interna dos grupos étnicos no seio da sociedade Jamaicana, motivado por questões culturais e financeiras, como o caso de Antoinette, onde os “negros brancos” são excluídos tanto pelos brancos ricos europeus quanto pelos negros. A rejeição dos negros com relação aos “negros brancos” é motivada por conta da perda do status e condição financeira, em contrapartida, a rejeição dos brancos europeus é motivada pela dita inferioridade dos crioulos brancos da ilha.

Apesar de ser descendente direta de colonizadores, tanto por parte de pai quanto de mãe, Antoinette é impossibilitada de se enxergar como uma colonizadora. Primeiramente, pelo fato de que o próprio Rochester afirma seu lugar inferior como crioula descendente de ingleses, mas nunca inglesa e também pelo fato da identificação. Como Antoinette pode se identificar com suas raízes que são a imagem de Próspero quando ela aprendeu a se identificar com Calibã? A crítica Amaryll Chanady (1994) aponta para a questão do esquecimento relacionado aos mestiços e descendentes de crioulos que é o caso de Antoinette

(...) The mestizos and Creole descendants of the colonizer have forgotten their origins as metropolitan Prosperos, as they identify with Caliban in a strategy of self-affirmation with respect to the neocolonial Prospero, identified both with North America (with respect to economic and political hegemony) and with Europe (with respect to dominant cultural paradigms) (CHANADY, 1994, p.22)¹⁰.

É no meio dessa diversidade cultural que Antoinette está inserida e não encontra uma identificação entre esses grupos étnicos. Antoinette persegue o pertencimento e a identificação junto a um grupo étnico numa tentativa frustrada que culmina em seu adoecimento mental.

O processo de construção identitária em *Vasto Mar de Sargaços*, se sustenta na vontade de Antoinette de pertencer a algum grupo étnico, e eventualmente, se encontrar deslocada em um entre-lugar. A problemática da identidade em *Vasto Mar de Sargaços* se configura, majoritariamente, no desejo de pertencimento de Antoinette, o desejo por uma categoria bem definida de pertencimento e consequentemente uma identidade.

¹⁰“Os mestiços e descendentes crioulos do colonizador esqueceram suas origens como Prósperos metropolitanos, pois se identificam com Calibã em uma estratégia de autoafirmação em relação ao Próspero neocolonial, identificado tanto na América do Norte (em relação à hegemonia econômica quanto política) e com a Europa (no que diz respeito aos paradigmas culturais dominantes.” (CHANADY, 1994, p. 22, tradução nossa)

Stuart Hall (2006) define o processo de construção identitária como:

Algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] Assim ao invés de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar da identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p.38-39).

Hall afirma que a identidade sempre está em processo e em formação, a aglutinação dos valores culturais caribenhos e ingleses em Antoinette fazem parte de sua identidade, pois a identidade não é algo fixo. Ao mesmo tempo que ela se considera uma menina inglesa que tem os hábitos alimentares da metrópole, ela confessa que sente saudades da culinária caribenha. A identidade não é algo fixo e permite que haja uma aglutinação de práticas culturais que quando assimiladas farão parte da identidade do sujeito.

A falta de inteireza ou plenitude que faz Antoinette buscar a identificação, é a busca por uma identidade una e monolítica que é imaginária e fantasiosa, com isso, a crise identitária culmina na impossibilidade de se inserir entre um dos grupos étnicos da Jamaica. Ela aspira um local de pertencimento junto a uma cultura e conseqüentemente, uma identidade una relacionada a essa cultura. Entretanto, o que se concretiza é uma identidade plural fragmentada marcada pela hibridização de culturas.

Hall (2006) afirma que há três tipos de sujeitos: sujeito cartesiano, sociológico e pós-moderno. Em *Vasto Mar de Sargaços* pode se perceber uma transição do modelo de sujeito: de sujeito sociológico para sujeito pós-moderno. Antoinette começa como sujeito sociológico em que “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p.11); exposta à cultura caribenha e inglesa, Antoinette interage com ambas durante a infância. Contudo, percebemos a transição de sujeito sociológico para pós-moderno, em que se configura pelo fato de não ter “uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p.12).



A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p.13).

No trecho abaixo, Antoinette conversa com Rochester a respeito de si mesma, é possível perceber que ela não tem noção de sua identidade ou de pertencimento. *Seu self* é fragmentado:

E eu ouvi mulheres inglesas nos chamarem de negros brancos. Então muitas vezes me perguntei quem eu sou e onde é o meu país e a que lugar eu pertencço e por que eu nasci (RHYS, 2012, p.99).

6. Somente em terras longínquas que eu sei quem eu sou

Na última parte do livro, quando Antoinette é levada à força para a Inglaterra e encarcerada no sótão, sua identidade caribenha clama pelo retorno. Completamente desterritorializada, longe da paisagem exuberante caribenha, do clima ameno, e principalmente, longe das pessoas que ama, Antoinette está em uma Inglaterra muito diferente da qual reinava em seu imaginário. Antoinette se depara com uma Inglaterra hostil e frígida. É somente no momento de desterritorialização que Antoinette sabe que seus pensamentos, seu afeto e sua escolha final se encontram na Jamaica.

Eu vi a minha casa de bonecas e os livros e a pintura da Filha de Miller. Ouvi o papagaio gritar como ele fazia toda vez que via um estranho: *Qui est lá? Qui est lá?*, e o homem que me odiava também estava gritando: Bertha! Bertha! O vento bateu no meu cabelo e ele se ergueu como se fossem asas. Talvez ele pudesse me sustentar, pensei, se eu pulasse naquelas pedras duras lá embaixo. Mas quando olhei pela borda do telhado, vi o poço de Coulibri. Tia estava lá. Ela acenou me chamando e, quando eu hesitei, ela riu. Eu a ouvi dizer: *Você está com medo?* E ouvi a voz do homem: Bertha! Bertha! Tudo isso eu vi e ouvi numa fração de segundo. E o céu tão vermelho. Alguém gritou, e eu pensei: Por que foi que eu gritei: Eu chamei: “Tia” e pulei e acordei (RHYS, 2012, p.188).

Esse trecho antecede a morte de Antoinette visto que ela concretizará todos os detalhes de seu pesadelo que antecipará sua morte e a queimada de Thornfield Hall. O idílico retorno

para o Caribe parece se concretizar somente na morte, quando é confrontada por Tia e Rochester. De um lado Tia, lembrando tudo o que ela mais ama e preza, que é sua terra natal, sua infância em Coulibri e sua casa; do outro Rochester, que representa a Inglaterra fria, inóspita, onde ela é uma completa estranha e nada bem-vinda. O pulo de Antoinette é metafórico, é um retorno ao lar, às origens. Quando ela pula ao encontro de Tia deixa claro sua escolha, o lugar o qual ela pertence e onde gostaria de estar. É somente em uma situação desesperadora que Antoinette se posiciona e aparenta abraçar sua caribeidade.

É importante ressaltar que apesar de Antoinette estar muito fragilizada psicologicamente por conta do deslocamento obrigatório para um lugar diferente de sua terra natal, seu senso de identidade está totalmente estilhaçado já na última parte do livro, que faz uma transição direta com a cena final do romance *Jane Eyre*. Antoinette não sabe onde está e não consegue se reconhecer ao se olhar no espelho. Rochester consegue aniquilar seu senso de identidade, mas a lembrança do caribe se mantém viva.

Considerações finais

Podemos concluir que a identidade de Antoinette em *Vasto Mar de Sargaços*, é uma identidade multicultural, visto que ela é receptáculo da cultura negra caribenha e da cultura inglesa. Os valores linguísticos e culturais, bem como sua memória afetiva e hábitos alimentares são largamente marcados pela presença da cultura caribenha negra, que se faz muito presente na constituição de sua identidade. Com a aquisição de segundas núpcias de sua mãe, ela teve contato e assimilou a cultura inglesa, por parte de seu padrasto como uma forma de se integrar na sociedade inglesa.

Retomando o conceito de Antilhanidade de Glissant, pode-se afirmar que Antoinette faz parte das múltiplas identidades não fixas caribenhas. No entanto, o que ela persegue é uma identidade una e monolítica, em que conforme vimos em Hall (2006) a plenitude identitária é algo imaginário. Ao invés de aceitar a fluidez e heterogeneidade de sua identidade, Antoinette deseja pertencer estritamente a apenas uma cultura e não aceita esse entre-lugar cultural, a identidade plural que faz parte dela. Na verdade, ela não parece se dar conta de que já



pertence à cultura caribenha e busca, sem sucesso, uma aceitação concreta. Somente quando é confrontada com uma situação desesperadora, Antoinette abraça sua caribeanidade quando seu eu se encontra estilhaçado.

Referências

- ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H., **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures.** 2nd ed. London: Routledge, 2002
- BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. **Elogio da criouldade.** 1990. Tradução Magdala França Vianna.
- CHANADY, Amaryll. **Latin American identity and construction of difference.** London: University of Minnesota press. 1994.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008
- FIGUEIREDO, Eurídice. **A construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana.** Niterói. EdUFF. 1998.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura.** 2 ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.
- GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma Poética da diversidade.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Edouard. **Caribbean discourse.** Trad. J. Michael Dash. Charlottesville: University of Virginia Press, 1989.
- GOLDBERG, David Theo. **Multiculturalism: a Critical Reader.** Oxford: Blackwell, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.
- OUARDI, Sakina El. **The impossibility of creating identity in Jean Rhys' Wide Sargasso Sea.** Universidad de La Roja, Servicio de Publicaciones, 2013.
- RAMOS DE FREITAS, Viviane. Cartografias do exílio: errância e espacialidade na ficção da escritora caribenha Jean Rhys. **Tese** (Doutorado em Letras). Bahia. p. 280. 2017.
- RHYS, Jean. **Vasto Mar de Sargaços.** Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2012.
- TAWFIQ Yousef; REEM Abu-Samra. Identity Crisis in Jean Rhys' Wide Sargasso Sea Revisited. **Journal of Literature and Art Studies.** 2017.
- TAYLOR, Charles. The politics of recognition. In: TAYLOR, Charles. **Multiculturalism: a Critical Reader.** Oxford: Blackwell, 1994. p.75-106.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 07 de maio de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 01 de junho de 2020.

ARTIGO